

---

## O USO DO MARCADOR DISCURSIVO “AÍ” NA FALA DE ESTUDANTES DE ARQUITETURA DA UFPI

### *THE USE OF THE DISCURSIVE MARKER “AÍ” IN THE SPEECH OF UFPI ARCHITECTURE STUDENTS*

**Jancen Sérgio Lima de Oliveira**

Mestrando em Letras, área de concentração Estudos da Linguagem, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL/UFPI)  
E-mail: jancensergio@hotmail.com

**Francisco Almeida de Sousa Neto**

Pós-graduando em Docência do Ensino Básico e Superior pela Faculdade Estratégica. Graduado em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Piauí - UFPI.  
E-mail: franciscoalmeidanetu@gmail.com

**Maria das Graças de Sousa Alves**

Graduada em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Piauí - UFPI.  
E-mail: gracasousa-5@hotmail.com

#### **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo analisar o uso do marcador discursivo “aí” na fala de estudantes universitários do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Ministro Petrônio Portella. O *corpus* de pesquisa foi coletado mediante gravações de conversas com os universitários. Para a pesquisa, foram selecionados oito (8) estudantes universitários do curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro de Tecnologia – CT na faixa etária de 18 a 24 anos. Posteriormente, foi feito um questionário com uma série de perguntas para os alunos responderem e falarem espontaneamente o máximo possível. Eles tiveram suas vozes gravadas de forma discreta, para que respondessem às nossas perguntas de forma natural. De posse das entrevistas gravadas,

partimos para a análise dos dados. Para a análise, primeiro foi feita a transcrição das falas que eles responderam por meio de nossas perguntas. Em seguida, identificamos o uso do marcador discursivo “aí” na fala de todos os alunos. Por questões didáticas, categorizamos os “aí” em cinco categorias de análises: introdutor de efeito, sequenciador textual, retomador, adversativo e o finalizador. Para este trabalho buscamos aparato teórico e metodológico, principalmente, nos trabalhos de pesquisa de Urbano (1995) e de Tavares (1999). Os resultados parciais das análises demonstraram que na fala dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo, assim como era esperado, há a ocorrência das cinco categorias do marcador discursivo “aí”.

**Palavras-chave:** Marcador Discursivo. Fala. Estudantes.

### **ABSTRACT**

*This article aims to analyze the use of the discourse marker “there” in the speech of university students from the Architecture and Urbanism course at the Federal University of Piauí - UFPI, Campus Ministro Petrônio Portella. The research corpus was collected through recordings of conversations with university students. For the research, eight (8) university students from the Architecture and Urbanism course, at the Technology Center - CT, aged 18 to 24 years were selected. Subsequently, a questionnaire was made with a series of questions for students to answer and speak spontaneously as much as possible. They had their voices recorded discreetly, so that they could answer our questions naturally. With the recorded interviews in hand, we set out to analyze the data. For the analysis, we first transcribed the statements that they answered through our questions. Then, we identified the use of the discourse marker “aí” in the speech of all students. For didactic reasons, we categorize the “there” into five categories of analysis: effect introducer, textual sequencer, retaker, adversary and the finalizer. For this work we look for theoretical and methodological apparatus, mainly, in the research work of Urbano (1995) and Tavares (1999). The partial results of the analyzes showed that in the speech of students of Architecture and Urbanism, as expected, there are the five categories of the discursive marker “there”.*

**Keywords:** Discursive Marker. Speaks. Students.

### **INTRODUÇÃO**

No processo de comunicação, o indivíduo recorre a uma série de recursos linguísticos e extralinguísticos com o intuito de facilitar a transmissão da mensagem. Dentre esses recursos, podemos citar como exemplo os gestos, as expressões faciais, a entonação, a postura e, além disso, os marcadores discursivos da oralidade. Assim como existem as conjunções do texto escrito, que têm a função de dar sequencialidade no texto por meio de conectores aditivos, adversativos, explicativos, dentre outros. Nos textos orais, também existem conjunções que cumprem essas funções como os marcadores discursivos “né”, “tá”, “então” etc. Dentre eles, destacamos o marcador discursivo “aí”, que dentro do contexto da comunicação pode desempenhar várias funções.

Dito isso, nosso objetivo neste artigo é analisar o uso do marcador discursivo “aí” na fala de estudantes do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Ministro Petrônio Portella. Para a realização da pesquisa, foram selecionados oito (8) estudantes de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro de Tecnologia – CT, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, campus de Teresina.

## O USO DO MARCADOR DISCURSIVO “AÍ” NA FALA DE ESTUDANTES DE ARQUITETURA DA UFPI

Foi feita uma série de entrevistas semiestruturadas com os alunos de forma individual e espontânea, todos os entrevistados foram gravados de forma discreta a fim de que não percebessem que estavam sendo gravados, com isso buscamos registrar a fala deles sem tanta regulação, pois se soubessem que estavam sendo gravados, iriam tentar ao máximo seguir as regras de normatização da variação urbana de prestígio, ou seja, iriam monitorar sua fala.

De posse das entrevistas gravadas – de acordo com as instruções de Dufon (2002) no que se refere ao métodos de gravação e anotação das falas – partimos para a análise dos dados, para isso, fizemos a transcrição das respostas coletadas pelos entrevistados e posteriormente, foi feita a identificação do marcador discursivo “aí” na fala de todos os alunos. Categorizamos o marcador discursivo “aí” em cinco categorias de análise: introdutor de efeito, sequenciador textual, retomador, adversativo e o finalizador, de acordo com a pesquisa de Tavares (1999). Por fim, quantificamos a recorrência dos usos do marcador discursivo “aí” e verificamos quais os mais recorrentes e, conseqüentemente, os menos recorrentes.

Todos os entrevistados nesta pesquisa são do sexo masculino, têm entre 20 e 25 anos de idade, são de Teresina ou de cidades próximas, como Altos. Os nomes dos entrevistados foram trocados por códigos alfanuméricos para garantir total proteção e anonimato aos estudantes. Os códigos alfanuméricos foram compostos pela sigla EARQ acrescida de um número sequencial, como EARQ1, que significa “Estudante de arquitetura e urbanismo 1”.

### VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Existem três tipos básicos de variação linguística, de acordo com Cezario e Votre (2018), a variação regional, que se relaciona a distâncias entre regiões; a variação social, que se associa a grupos socioeconômicos; e a variação de registro, que “[...] tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria fala, o e-mail, o jornal, a carta etc.” (CEZARIO; VOTRE, 2018, p. 145). Podemos incluir o uso dos marcadores discursivos, como o “aí”, dentro deste último tipo de variação, uma vez que cada pessoa tem seu repertório linguístico e, dessa forma, se adapta às diversas situações comunicativas.

O contexto situacional é responsável por uma série de variações linguísticas. Dependendo da situação em que o falante se encontra, ele utiliza mecanismos linguísticos diferentes para se expressar. Assim, sua linguagem apresenta diferenças lexicais, gramaticais e fonéticas distintas devido ao contexto, ao ouvinte ou ao meio através do qual a informação é transmitida (fala ou escrita, carta, e-mail, artigo, etc.) (CEZARIO; VOTRE, 2018, p. 145).

Também concordamos com Lyons (1987), que defende que a homogeneidade de uma Língua é apenas um mito, ou seja, nenhuma língua apresenta-se como entidade homogênea. Existem vários estudos sobre a variação linguística, entre eles os de Alkmim (2001), que explica que a variação linguística é uma propriedade funcional e inerente aos sistemas linguísticos; Tarallo (1994), que destaca que os falares regionais podem ser descritos e mapeados, estruturados numa metodologia linguística que subsidie o trabalho do linguista. Dessa forma, percebemos que a sociolinguística estuda as relações linguísticas e as variações sociolinguísticas. Nesse mesmo contexto, Tarallo (1994) afirma que a fala de grupos usuários de uma língua pode apresentar um marcador (no caso dessa pesquisa o ‘aí’, que define usuários ou os grupos a que pertencem).

As variedades linguísticas podem ser de vários tipos e relacionam-se a mudanças linguísticas disseminadas no ambiente físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas ocasionando as variações diatópicas. A variação diastrática ou social relacionasse a um conjunto de fatores referentes à semelhança dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala.

Compreendemos a mudança linguística ao compararmos textos antigos à escrita atual, ou quando falantes de épocas, classes socioeconômicas ou civilizações diferentes se encontram e começam a conversar entre si. Estas condições mostram que a língua está, constantemente, sendo transformada. Ao observarmos textos orais, é comum encontrarmos elementos que não estão presentes nas gramáticas normativas como, por exemplo, os marcadores discursivos e entre eles, o “aí”. Por não estarem nas gramáticas, muitas vezes são considerados como “vícios de linguagem” cercados de estigmas sociais.

Em uma pesquisa na qual os pesquisadores necessitam coletar *corpus* de fala, para, por exemplo, verificar o uso de marcadores discursivos, necessitam utilizar mecanismos de gravação e transcrição. Sobre as gravações das entrevistas, Dufon (2002) dá instruções sobre o que e como observar, conversar, gravar, além de o que e como anotar o que foi dito nas gravações. Para Dufon (2002), os pesquisadores devem evitar qualquer manipulação dos participantes sobre o que eles dizem ou o ambiente físico em que eles estão interagindo, pois isso poderia comprometer a naturalidade da situação.

## OS MARCADORES DISCURSIVOS

Os marcadores discursivos – também chamados de marcadores conversacionais (URBANO, 1995), operadores argumentativos etc. – são elementos que demarcam o diálogo e ligam as partes discursivas. Os marcadores discursivos, segundo Freitag (2007), atuam no plano textual e estabelecem elos entre as partes do texto oral, mantendo a interação entre o falante e o ouvinte, auxiliando no planejamento da fala. Concordamos, também, com Urbano (1995), que explica que os marcadores discursivos

são, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, e a produção, representa de interacional e pragmático (URBANO, 1995, p. 85-86).

Dessa forma, todo falante utiliza marcadores textuais, no entanto, por não estarem previstos em boa parte das gramáticas normativas, sofrem de estigmas em contextos que requerem mais formalidade. Neste viés, os falantes procuram diminuir o uso desses marcadores discursivos quando produzem gêneros textuais orais mais monitorados, como apresentações de seminários, palestras entre outros.

O estigma social atribuído aos marcadores discursivos pode ser percebido em orientações para trabalhos, ou então, em manuais de comportamentos para entrevistas de emprego, vídeos que dão dicas para candidatos conseguirem passar em entrevistas, dentre outros. Esses marcadores são estigmatizados também dentro da universidade em situações mais formais por serem considerados como uma forma errônea de falar.

## O USO DO MARCADOR DISCURSIVO “AÍ” NA FALA DE ESTUDANTES DE ARQUITETURA DA UFPI

O falante, ao tentar eliminar os marcadores discursivos da fala, tenta aproximar mais a oralidade sobre o que dita a normas gramaticais, assim, é claro, não deixar refletir a sua escolaridade, pois muitos consideram que somente quem tem baixa escolaridade é quem fala de forma diferente ao proposto pela tradição gramatical, e isto é uma forma errônea sobre o conceito de variação linguística, pois segundo Bagno (2007), variação linguística não diz respeito apenas a pessoas não escolarizadas. Muito pelo contrário, há variação em todas as classes sociais e em todos os níveis de escolaridade. Esses marcadores, ao contrário do que muitos pensam, desempenham papel importante na interação comunicativa, pois facilitam o processo cognitivo dentro do texto oral, dentre outras funções.

Estudos sobre os marcadores do discurso estão relacionados à sociolinguística, que segundo Bagno (2007), foi impulsionada pelo linguista Norte Americano William Labov, nos Estados Unidos, que na década de 1960, se dedicou a estudar a língua com foco na variação linguística.

O marcador discursivo “aí” tem como uma de suas funcionalidades articular o segmento do discurso, ou seja, uma variação entre o texto falado e o texto escrito, que exerce a função de continuidade na fala, ou uma progressão ou reflexão acerca do que será dito. Segundo Tavares (1999), ele pode aparecer tanto no início, no meio, ou no final de uma unidade comunicativa, podendo vir também combinado com outros marcadores como, por exemplo, *mais aí, aí pronto, aí depois*, que, no entanto, não foram levados em consideração nessa pesquisa. Aqui, focamos apenas nas categorias do “aí”, que tem diversas funções, a saber: introdutor de efeito, sequenciador textual, retomador, adversativo e o finalizador.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

De posse dos áudios das entrevistas gravadas, coletamos um *corpus* de texto falado em que os entrevistados utilizaram, bastante, o marcador discursivo “aí” em suas falas. Em nossas análises, levamos em consideração o trabalho de Tavares (1999), que pesquisou sobre a gramaticalização do “aí” e percorreu sobre as funções deste marcador discursivo. Segundo a autora, o “aí” desempenha funções distintas, como de introdutor de efeito, sequenciador textual, retomador, adversativo e o finalizador.

- a) “Aí” introdutor de efeito: é usado para interligar dois eventos cronológicos. O primeiro representa a causa e o segundo a consequência.
- b) “Aí” sequenciador textual: indica sucessão discursiva assinalando a ordem sequencial pela qual as informações são apresentadas.
- c) “Aí” retomador: recupera informações interrompidas por mudanças de assunto
- d) “Aí” adversativo: transmite a ideia de contraste.
- e) “Aí” finalizador: marca a conclusão de uma narrativa.

Em seguida, destacamos um quadro com as análises feitas de acordo com cada ocorrência. Esse quadro contém as falas dos alunos categorizadas de acordo com o efeito do “aí”, e logo em seguida demonstramos a recorrência das categorias.

## **AÍ – Introdutor de efeito**

Normalmente, no texto escrito quando se quer dar a ideia de causa e consequência usam-se as conjunções subordinadas. Já no texto oral, muitas vezes essas conjunções não são usadas. Isso ocorre, muitas vezes, pela escolha do autor já que no ato da comunicação as trocas de informações acontecem de forma instantânea e, assim, o autor opta por usar uma linguagem mais simplificada. E desse modo, o interlocutor, para dar o efeito de causa e consequência, recorre a marcadores típicos da oralidade, como no caso, o marcador discursivo “aí”. Os exemplos a seguir mostram claramente a relação de causa e consequência estabelecida pelo marcador discursivo “aí” (Quadro 1).

### **Quadro 1 – Marcador discursivo “aí” introdutor de efeito**

EARQ01: ...quando eu completei dez anos e **aí** eu vim estudar em Teresina...  
EARQ2: ... eu estudei numa boa escola, **aí**, eu vim direto pra universidade com 16 anos...  
EARQ3: – Como tem a questão da igualdade entre os filhos, **aí**, ele me ofereceu a mesma oportunidade...  
EARQ1: Como o prédio era mais acessível pra mim, **aí**, eu fiquei por lá...  
EARQ1 : Eu vim pra Teresina, logo em seguida foi a prova do Enem, e **aí**, eu passei e vim pra cá pra UFPI...  
EARQ4 : como ano seguinte era ano de Enem, e **aí** eu passei, eu vim logo pra cá, pra Teresina.

Fonte: Produzido pelos próprios autores.

Podemos observar nos exemplos acima, que o marcador discursivo “aí” cumpre a função de introduzir um efeito da ação realizada na oração anterior. Por exemplo, a enunciação em EARQ2 poderia ser escrita da seguinte forma: “Já que eu estudei em uma boa escola, eu vim direto para a universidade, com dezesseis anos”. Dessa forma, o fato de [ter estudado numa boa escola] é a causa de [ir direto para a universidade]. O mesmo tipo de relação causa-efeito ocorre com os demais exemplos mostrados.

## **AÍ – Sequenciador textual**

Vejamos, pois, alguns exemplos do uso do marcador discursivo “aí”, com função de sequenciador textual (Quadro 2).

### **Quadro 2 – Marcador discursivo “aí” sequenciador textual**

EARQ5: Estudei dois anos no Diocesano, **aí**, mudei para o antigo Anglo e fiquei 3 anos lá.  
EARQ1: ... pra mim tem muita desvantagem no curso porque o horário é muito quebrado e se torna muito cansativo, **aí**, também tem a questão de morar em Altos que me faz atrasar pras aulas...  
EARQ6: Eu estudava aqui em Teresina, **aí**, eu estava muito desmotivado pros estudo, **aí**, foi quando veio morar aqui o marido de uma prima minha, **aí**, ele era pedreiro, **aí**, meu pai botou eu pra fazer um muro com ele, **aí**, eu pensei melhor...

Fonte: Produzido pelos próprios autores.

## O USO DO MARCADOR DISCURSIVO “AÍ” NA FALA DE ESTUDANTES DE ARQUITETURA DA UFPI

No texto escrito, quando queremos dar sequência, geralmente, recorremos a pronomes, conjunções etc. Desse modo, o texto vai ganhando sequência e encadeamento das ideias. O encadeamento das ideias se faz necessário dentro de um texto escrito, pois é por meio desses encadeamentos que o texto ganha a sua forma de expressão, ou melhor, a mensagem que o autor quer passar é mais bem expressada. Essa mensagem é construída ao longo dos parágrafos e a sequência das informações estabelecidas pelo autor é que dá características a sua mensagem, pois ele pode dar várias ideias, como, por exemplo, de adição, de explicação, de exclusão entre outras.

Assim, por meio desses recursos da língua, o autor dá sentido ao seu texto permitindo, com isso, a interpretação da mensagem por outros interlocutores. No texto oral, para se dar essa sequência textual, geralmente, o sujeito da ação recorre a marcadores discursivos como o “né”, “tá” etc., para dar sequência no ato da comunicação. Nos exemplos acima, temos o marcador discursivo “aí” com a função de sequenciador textual, ou seja, o sujeito para dar sequência em sua comunicação recorreu ao marcador discursivo “aí” e desse modo deu encadeamento em seu texto.

### AÍ – Retomador

Geralmente, em textos escritos participantes de gêneros textuais menos monitorados, os autores preferem usar a ordem direta: SVO (sujeito, verbo e complemento do verbo). Por meio da ordem direta, a leitura flui com mais rapidez e as informações dificilmente são perdidas ao longo da leitura. A ordem indireta, por sua vez, é mais utilizada em textos literários, com o intuito de dar mais ênfase em determinadas partes do segmento textual.

A língua oferece vários recursos textuais que permitem que o autor, ao redigir um texto, escolha uma tipologia textual e dentro dessa tipologia o autor ainda pode utilizar diferentes gêneros textuais. Ao escolher o tipo e gênero textual, o escritor, ao redigir seu texto recorre a outros mecanismos linguísticos essenciais na produção textual, que são os marcadores discursivos como as conjunções, dentre outros. O marcador discursivo “aí” com função de retomador textual é utilizado para dar continuidade a uma conversa interrompida.

Desse modo, para dar continuidade à informação anterior, ou seja, recuperar a ideia que vinha desenvolvendo, o autor recorre a recursos da língua. No texto oral, isso também acontece. No exemplo abaixo, o autor, para retomar sua ideia, recorreu ao marcador discursivo “aí” para dar sequência a sua fala. Vejamos alguns exemplos no Quadro 3:

#### Quadro 3 – Marcador discursivo “aí” retomador

EARQ6: A maioria reclama, assim, por causa do custo do material, a maioria que vem de fora são de baixa renda, <b>aí</b> , é a questão do custo...
--

Fonte: Produzido pelos próprios autores.

Esta função do “aí”, como retomador textual, foi a menos recorrente entre as demais funções apresentadas neste artigo. Iremos ver, em breve, que esta função ocorreu apenas em 5% dos usos dos marcadores discursivos “aí”.

## AÍ – Adversativo

O “aí” com função adversativa tem função equivalente aos marcadores adversativos (mas, porém, entretanto etc.). Dessa forma, esta função transmite a ideia de contraste (Quadro 4):

### Quadro 4 – Marcador discursivo “aí” adversativo

EARQ5: ... mudei para o antigo Anglo e fiquei 3 anos lá, e **aí**, o Objetivo comprou a escola...  
EARQ7: É só fazer os cálculos, **aí**, se não encontrar o resultado, você refaz a questão...  
EARQ7: É, pô, aí, começamos o trabalho só nós, **aí**, se o professor não aceitar, aí, chamamos outras pessoas...

Fonte: Produzido pelos próprios autores.

Nos exemplos acima, os “aí” poderiam ser substituídos por “mas”, exemplo: “É só fazer os cálculos, *mas se não encontrar o resultado, você refaz a questão*”. Com isso, essas orações podem ser consideradas como orações coordenadas sindéticas adversativas, pois sem dúvida, transmitem ideias de contraste.

## AÍ – Finalizador

Esta função do marcador discursivo “aí” ocorre quando o locutor pretende finalizar a sua fala. Dessa forma, para não soar de maneira abrupta e parecer, até mesmo, rude, utiliza o “aí” para atenuar a sua finalização. Vejamos, pois, alguns exemplos do marcador discursivo “aí” com função de finalizador (Quadro 5).

### Quadro 5 – Marcador discursivo “aí” finalizador

EARQ6: Eu estudava aqui em Teresina, aí, eu estava muito desmotivado pros estudo, aí, foi quando veio morar aqui o marido de uma prima minha, aí, ele era pedreiro, aí, meu pai botou eu pra fazer um muro com ele, aí, eu pensei melhor, **aí**, eu escolhi o curso de arquitetura.  
EARQ8: Ah, mas eu já dei uma olhada, é tipo, meu Deus, não entendi nada, **aí**, é isso...  
EARQ8: Foi considerada a primeira igreja no estilo Barroco, ela é um marco pra arquitetura brasileira, **aí**, é isso.  
EARQ8: Assim, teve uma vez que a turma fez um trabalho sobre a arquitetura barroca, e assim, me marcou muito porque o meu grupo tirou 10, e **aí** foi isso...

Fonte: Produzido pelos próprios autores.

É interessante como podemos substituir o “aí” finalizador, muitas vezes, pelo conector “enfim” sem causar prejuízos semânticos à oração. Vejamos nos exemplos acima. EARQ8: *Ah, mas eu já dei uma olhada, é tipo, meu Deus, não entendi nada, **enfim**, é isso.*

## Recorrência das funções

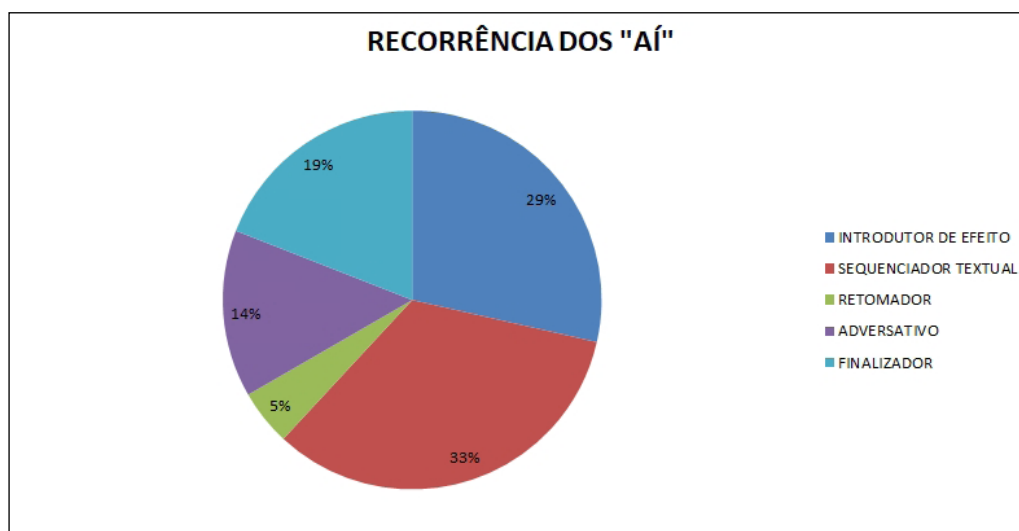
O Gráfico 1 sintetiza as informações percentuais da recorrência das funções do “aí”. Nele podemos observar que a categoria de “aí” encontrada com maior grau de recorrência foi o AÍ – SEQUENCIADOR TEXTUAL, que apareceu em 33% das falas dos entrevistados. Logo em



## O USO DO MARCADOR DISCURSIVO “AÍ” NA FALA DE ESTUDANTES DE ARQUITETURA DA UFPI

seguida, o AÍ - INTRODUTOR DE EFEITO, com 29% de ocorrência. O AÍ - FINALIZADOR foi encontrado em 19% das falas, o AÍ - ADVERSATIVO ficou logo atrás com 14%. O “aí” menos recorrente, constatado na fala de estudantes do curso de arquitetura e urbanismo da UFPI, foi o AÍ - RETOMADOR, que apareceu com apenas 5% de ocorrência.

**Gráfico 1 – Recorrência dos marcadores discursivos “aí”**



Fonte: Produzido pelos próprios pesquisadores.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar as marcas linguísticas mais usadas por estudantes do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Piauí - UFPI, com o intuito de observar em que momento da linguagem oral estes estudantes desprendem-se do uso formal ou norma culta da língua.

Na ocasião, percebemos que os universitários ficaram mais à vontade para falar sem se preocupar com a norma culta, quando relataram fatos marcantes vivenciados, principalmente, na infância. Nestes momentos, durante a entrevista foi que eles, de fato, menos se preocuparam com a formalidade. Percebemos, então, o uso de marcadores, e com mais frequência o marcador “aí” numa porcentagem bem elevada como mostra o resultado acima, o qual foi o objeto de estudo deste trabalho. Embora tenhamos observado marcadores linguísticos na fala desses universitários notamos que eles são mais polidos na sua linguagem oral, mesmo numa conversa mais descontraída.

Portanto, concluímos que há predominância de marcadores linguísticos no tocante à fala dos estudantes entrevistados, destacando-se com mais frequência o marcador “aí” percebido nas falas destes discentes da UFPI campus Petrônio Portella na capital Teresina. São estudantes naturais da capital e de outras cidades do estado, como Altos/PI e Água Branca/PI. Logo consideramos que esta pesquisa nos possibilitou identificar marcadores que expressam características de marcadores sequenciador textual, introdutor de efeito, finalizador, adversativo e retomador.

Assim, chegamos à conclusão da importância de estudos que busquem entender as particularidades dos marcadores linguísticos presentes na fala de cada indivíduo por funcionar

como marcador identitário desses usuários. Mesmo falando a norma culta em situações formais, não se desvencilham de características linguísticas peculiares, possivelmente, à suas comunidades regionais de onde procedem.

## Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In MUSSALIM, F; BENTES, A.C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

DUFON, M. A. *Video recording in ethnographic SLA research: some issues of validity in data collection*. **Language Learning & Technology**, California State University, v. 6, n. 1, p. 40-59, jan. 2002.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores Discursivos não são vícios de Linguagem! **Revista Interdisciplinar**, v. 4, n. 4, p. 22-43 – jul./dez. 2007.

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994.

TAVARES, Maria Alice. A gramaticalização do aí como conector - indícios sincrônicos. **Working Papers em Linguística**. UFSC, n. 3, 1999.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de Textos Oraís**. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.